

---

## O TEXTO LITERÁRIO NA PERSPECTIVA HISTÓRICO CULTURAL<sup>1</sup>

COSTA, Sueli Silva Gorricho<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este texto focaliza a literatura como prática discursiva, enquanto abordagem metodológica que está inscrita numa interpretação histórico-cultural e psicológica dos processos humanos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura. Reflexão. Psicologia histórico-cultural.

**SUMMARY:** This paper focuses on literature as discourse practice, being the last a methodology approach which can be understood as a historical-cultural and psychological interpretation of human processes.

**KEYWORDS:** Literature. Reflexion. Psychology historical-cultural

*Lutar com palavras  
é a luta mais vã.  
Entanto lutamos  
mal rompe a manhã.  
[...]  
Palavra, palavra  
(digo exasperado),  
se me desafia,  
aceito o combate .  
Carlos Drummond de Andrade*

### INTRODUÇÃO

Este artigo tem como propósito uma reflexão sobre o contato com o texto literário, no Ensino Médio, considerando a sua condição de produção, o próprio ato criador e o momento da leitura em que todos os envolvidos texto-autor leitor se inter-relacionam.

Ao estudar a literatura, Vygotsky (1989) preocupou-se com os problemas relacionados aos mecanismos psicológicos da criação literária e às questões semiológicas relacionadas aos símbolos, signos e imagens poéticas. Nos seus estudos, procurou mostrar o que é que faz uma

---

<sup>1</sup>O presente texto corresponde a uma parte do segundo capítulo da dissertação de mestrado da autora

<sup>2</sup> Professora Mestre Fundação Educacional de Ituverava - FFCL. Rua Flauzino Barbosa Sandoval, 1259, CEP: 14500-000, Ituverava- SP. E-mail: sueligorricho@bol.com.br.

obra de arte ser artística. Para ele, a arte só se realiza quando se consegue vencer o sentimento e ver nela um produto da atividade humana, e o artista como aquele que cria o conteúdo na obra.

A imaginação, sendo a base de toda a atividade criadora, Vygotsky compreende a criação como uma reelaboração do antigo com o novo. Dessa forma, o processo criativo é sempre produto de sua época e de seu ambiente, e a obra criadora partirá de níveis já alcançados antes e se apoiará em possibilidades que existem fora de seu criador.

A partir de um interesse essencial pelos produtos superiores da cultura, estéticos e semiológicos, Vygotsky sentiu a necessidade de construir uma nova Psicologia, que o levou a enfrentar a categoria da consciência, que considerava a chave para a compreensão dos mecanismos da criação artística e da função da arte na vida da sociedade e na vida do homem como ente sócio-histórico.

Segundo Vygotsky (1989),” [...] *a psicologia da arte permanece eterna e imutável, e só o seu emprego e usufruto se desenvolvem e se modificam de uma geração para outra* “

Portanto, a obra de arte ou o texto literário que hoje pode ter um significado, quando apresentado em outra época, em outra circunstância pode ter uma outra leitura. A subjetividade e o sentido da interpretação são uma particularidade do leitor e, não, específica da literatura. Esta se constrói na interface entre a objetividade da realidade ou do contexto de sua produção e a subjetividade do poeta e do leitor.

Bakhtin teve, como seu projeto intelectual permanente, a compreensão da Literatura. Buscava uma estética não fragmentada, uma poética que revelasse a literalidade na relação entre os indivíduos. E via o artístico como uma forma de inter-relação entre criador e contemplador, sempre articulados no contexto social.

Segundo Bakhtin (1992),” *o poeta, afinal, seleciona palavras não do dicionário, mas do contexto da vida onde as palavras foram embebidas e se impregnaram de julgamentos de valor*”. Para tanto, criticou a estilística, a estética, o formalismo e o psicologismo dos estudos estéticos, em geral, e literários, em particular, por perderem de vista a totalidade.

Pode-se dizer que a literatura, assim como a língua que utiliza, são instrumentos de comunicação e cumprem o papel social de transmitir os conhecimentos e a cultura de uma sociedade.

---

Apesar de estar ligada a uma língua, a literatura não está presa a ela; pelo contrário, a literatura faz um uso livre da língua, chega até a subverter suas regras e o sentido de suas palavras.

O poeta moderno norte-americano Ezra Pound (2002) define Literatura como “*linguagem carregada de significado. Grande Literatura é simplesmente linguagem carregada de significado até o máximo grau possível*”.

A Literatura, como todo tipo de arte, está vinculada à sociedade em que se origina. Não há artistas indiferentes à realidade. Partindo das experiências pessoais e sociais, o artista transcria ou recria a realidade dando origem a uma supra-realidade ou a uma realidade ficcional, transmitindo seus sentimentos e idéias ao mundo real. Assim, a obra literária é um objeto vivo, resultado das relações dinâmicas entre escritor, público e sociedade, e pode auxiliar no processo de transformação social.

Modernamente, os escritores e os críticos literários têm insistido na abertura da obra literária, isto é, nas várias possibilidades de leitura que um mesmo texto literário pode oferecer. Assim, tanto o escritor como o leitor fazem uso da imaginação, o artista recria a realidade, e o leitor recria o texto que lê.

O poeta português Fernando Pessoa já dizia isso no seu poema ***Autopsicografia***:

*O poeta é um fingidor.  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente.  
E os que lêem o que escreve,  
Na dor lida sentem bem,  
Não as duas que ele teve,  
Mas só a que eles não têm.  
E assim nas calhas de roda  
Gira a entreter a razão,  
Esse comboio de corda  
Que se chama coração.*

Para os gregos, a arte tinha uma função hedonística, isto é, devia causar prazer, retratando o belo. E o belo, na arte, ocorria na medida em que a obra era verossímil.

Modernamente, esses conceitos desapareceram, mas a arte ainda cumpre o papel de proporcionar prazer.

Dentro da Literatura, o texto poético joga com palavras, ritmos, sons e imagens, conduzindo o leitor a mundos imaginários, prazerosos e sensíveis.

Desde tempos remotos, a literatura esteve presente nas civilizações para contar a história, narrar o passado e fixar a memória do homem.

Na teia do discurso, as histórias são tecidas, retecidas ou desfeitas dentro das várias possibilidades da memória entre lembrar e narrar as palavras, as tramas, os casos, os velhos ou novos acontecimentos, os prazeres...

A memória, por sua vez, tem um papel muito importante, pois está relacionada à natureza social do homem. Sendo assim, lembranças originam-se de situações sociais reais ou imaginárias, onde o pensamento se desloca de um momento a outro, dependendo da palavra do outro, das produções históricas, das histórias lidas ou contadas e do contexto em que estão inseridas.

Vygotsky (1991) enfatiza a relação entre a memória humana e o processo de significação como origem da consciência, em que a relação entre os signos e o ato de lembrar considera a memória como mediada, elaborada na dinâmica das interações e como produto do desenvolvimento histórico-cultural:

*Quando uma pessoa ata um nó no lenço para ajudá-la a lembrar de algo, ela está, essencialmente, construindo o processo de memorização, fazendo com que um objeto externo relembre-a de algo; ela transforma o processo da lembrança numa atividade externa. Esse fato, por si só, é suficiente para demonstrar a característica das formas superiores de comportamento. Na forma elementar alguma coisa é lembrada; na forma superior os seres humanos lembram alguma coisa. [...] A verdadeira essência da memória humana está no fato de os seres humanos serem capazes de lembrar ativamente com a ajuda de signos.[...] Tem sido dito que a verdadeira essência da civilização consiste na construção propositada de monumentos de forma a não esquecer fatos históricos. Em ambos os casos, do nó e do monumento, temos manifestações do aspecto mais fundamental e característico que distingue a memória humana da memória dos animais.*

O que permite o contato da memória com os objetos do mundo é a linguagem, em que o homem é capaz de organizar, ampliar e retomar as suas lembranças por processos discursivos.

Esse lembrar envolve sempre o interpretar, sendo que, na leitura, as múltiplas vozes do texto literário desenvolvem a capacidade humana de criar símbolos, mediando a relação homem/mundo. Ao narrar as lembranças, somos levados a pensar, tornamo-nos sujeitos e nos inscrevemos na história.

Essa relação entre linguagem, memória e história, tendo a literatura como *prática discursiva* (SMOLKA,1985,1988), é o que vai permitir a reflexão entre texto-leitor-ouvinte-autor. A partir da leitura, percebe-se o caráter dialógico e *polifônico* (BAKHTIN, 1991) do texto literário, em que é necessário considerar certos aspectos como a intertextualidade, isto é, a relação desse texto com um outro texto, presente na nossa cultura e na memória coletiva; as condições de produção do texto; os aspectos biográficos e históricos; a análise linguística e os intertextos. Braga (2000) diz que:

*Se considerarmos a interpretação do leitor/ ouvinte como fazendo parte da (re) criação da obra literária (atividade que também é histórica, assim como a criação), podemos dizer que estes são modos de participação das crianças no processo de produção e autoria.*

As elaborações mentais do leitor são possíveis apenas pela palavra, e, como dizia Bakhtin (1991), a palavra é o [...] *signo ideológico por excelência*.

Assim, podemos pensar na leitura de textos literários, na sala de aula, segundo Braga (2000), como um momento de partilhar a experiência coletiva e histórica, de trabalhar a linguagem.

Esse trabalho com a leitura de textos literários, visto como prática discursiva e social, pode transformar a construção do conhecimento através da perspectiva histórico-cultural e levar os alunos a partilharem seus conhecimentos, e Smolka (1988) diz que isso acontece:

*Porque a literatura, como discurso escrito, revela, registra e trabalha formas e normas do discurso social; ao mesmo tempo, instaura e amplia o espaço interdiscursivo, na medida em que inclui outros interlocutores - de outros lugares, de outros tempos -, criando novas condições e novas possibilidades de troca de saberes, convocando os ouvintes/ leitores a participarem como protagonistas no diálogo que se estabelece.*

O modo como a literatura deve ser relacionada na escola é enfatizada por muitos. Várias sugestões são abordadas e exemplificadas, como no filme “*Sociedade dos poetas mortos*”, em que o professor Keating (interpretado por Robin Williams) busca mostrar a seus alunos que a literatura, em especial a poesia, tem um caráter libertário, transformador, e deve fazer parte da vida de todos nós.

Morin (1999) diz que:

*o ser humano produz duas linguagens a partir de sua língua: uma, racional, empírica, prática, técnica; outra simbólica, mítica, mágica. A primeira tende a*

*precisar, denotar, definir, apoia-se sobre a lógica e ensaia objetivar o que ela mesma expressa. A segunda utiliza mais a conotação, a analogia, a metáfora, ou seja, esse halo de significações que circunda cada palavra, cada enunciado e que ensaia traduzir a verdade da subjetividade. Essas duas linguagens podem ser justapostas ou misturadas, podem ser separadas, opostas, e cada uma delas correspondem dois estados.*

Assim, o conhecimento, o aprofundamento, o diálogo, a partilha, o conflito, as várias interpretações atribuídas ao texto literário, sem negar a sensibilidade e a subjetividade de cada um, deixando que o caminho trilhado por seus leitores e a interação que se estabelece, entre texto literário e leitor, contribuam para o crescimento psicológico de todos, tanto na escola como também fora dela. Para Zilberman (1989),

*a literatura se alimenta do vasto campo das possibilidades humanas, que ela socializa tanto aos que podem alcançá-las por outros meios, quanto aos que estão privados dessa chance. Competiria à escola colaborar para a concretização dessa utopia da arte; não poderia fazê-lo, porém, sem levar em conta o tipo de diálogo que se estabelece entre o público e as obras. Por sua vez, oportunizar sua prática e refletir sobre os modos como ele se efetiva talvez sejam atividades mais que suficientes para legitimar a presença da literatura na sala de aula.*

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, as competências e habilidades a serem desenvolvidas em Língua Portuguesa, especificamente pelo estudo do texto literário, têm como objetivo recuperar as formas instituídas de construção do imaginário coletivo, o patrimônio representativo da cultura e as classificações preservadas e divulgadas no eixo temporal-espacial.

Considerando a produção de sentido como a principal razão de qualquer ato de linguagem e o texto literário como um produto histórico-social, o ensino de Literatura propõe ao educando, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, “*analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização das manifestações de acordo com as condições de produção e recepção*” (BRASIL, 1999).

O trabalho com o texto literário permite abordar a criação das estéticas que refletem, no texto, o contexto do campo de produção, as escolhas estilísticas, marcadas de acordo com as lutas discursivas em jogo naquela época/ local, ou seja, o caráter intertextual e intratextual. Para tanto,

---

o importante é que o aluno saiba analisar as especificidades, sem perder a visão do todo e as particularidades de sentido socialmente construído.

Dessa forma, o confronto de opiniões e pontos de vista, fundamentados, faz com que professores e alunos conquistem a possibilidade de rearticular o conhecimento de forma organizada, sem a imposição de uma única resposta. O debate, o diálogo, as perguntas e a pesquisa seriam formas de auxiliar o aluno a construir um ponto de vista articulado sobre o texto poético em estudo.

O gostar ou não de determinada obra de arte ou de um autor exige antes um preparo para aprender a gostar. Conhecer e analisar todas as perspectivas possíveis dessa leitura é um começo para a construção das escolhas individuais. Segundo Parkes (1998), para interpretações pessoais, a leitura deve “*ser um diálogo com o texto*”.

Neste caso, o aluno deixa de ser um mero espectador ou reproduzidor de saberes discutíveis. Apropria-se do discurso, verifica a coerência de sua posição. Dessa forma, além de compreender o discurso do outro, ele tem a possibilidade de divulgar suas idéias com objetividade e fluência; compreender e recuperar os diferentes significados embutidos em cada particularidade, pelo estudo histórico, social e cultural do texto literário.

Estudar Literatura no Ensino Médio é, basicamente, ampliar nossas habilidades de leitura do texto literário, acrescido da história literária, que acompanha a evolução cronológica da literatura de determinado povo e cultura, observando suas transformações com o momento histórico. Para Park (1999), ao discutirmos uma prática de leitura “*sem pontuá-la historicamente, corremos o risco de desfigurá-la [...]*”.

Todo texto literário apresenta dois planos essenciais: o plano da forma, que envolve os aspectos lingüísticos e gráficos do texto; e o do conteúdo, que envolve os significados do texto e suas relações com o mundo. No ensino Médio, o aluno deve ter competência para reconhecer e trabalhar com esses dois planos, ou seja, o vocabulário, a sintaxe, a sonoridade, as imagens, a disposição das palavras no papel, as idéias explícitas e implícitas no texto e o seu contexto histórico-social.

As teorias interacionistas contribuem para o relacionamento entre Literatura e Escola proporcionando maior familiaridade do aluno com os textos literários. E essa relação entre leitor-texto-autor, estabelecida na escola, tem como mediador o professor, que pode provocar transformações no ensino-aprendizagem.

**REFERÊNCIAS**

- BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1991. p.57
- \_\_\_\_\_. Os gêneros do discurso; problemática e definição e o enunciado, unidade da comunicação verbal. In: **ESTÉTICA da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 17
- BRAGA, E. S. O trabalho com a literatura: memórias e histórias. **Cadernos Cedes**, Campinas, n.50, p.84-102, abr. 2000
- BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, 1999. p.127
- MORIN, E. **Amor, poesia, sabedoria**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p.35
- PARK, M. B. **Histórias e leituras de almanaques no Brasil**. São Paulo: Mercado de Letras, 1999. p.197
- PARKES, M. Ler, escrever, interpretar o texto: práticas monásticas na Alta Idade Média. In: CAVALLO, G. e CHARTIER, R. **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1998, v.1. p.122
- POUND, E. **ABC da literatura**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 2002. p.32
- SMOLKA, A. L. B. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo**. São Paulo; Campinas: Cortez/Unicamp, 1988. p.80
- \_\_\_\_\_. A linguagem como gesto, como jogo, como palavra: uma forma de ação no mundo. **Leitura: teoria e prática**, n. 5, ano 4, jun. 1985
- SOCIEDADE dos poetas mortos. Direção: Peter Weir. EUA: Buena Vista Pictures, 1989, 1 Vídeo Cassete (129 min.), VHS, son, Color
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p.58
- \_\_\_\_\_. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1989. p. 47.
- ZILBERMAN, R. **Leitura e desenvolvimento da linguagem**. São Paulo: Mercado Aberto, 1989. p.21-22